



EM NOME DA MORAL E DOS BONS COSTUMES: ANTONIO DA SILVA, E O DIÁLOGO COM A DIVERSIDADE DE CORPOS E ESTRATÉGIAS DA PORNOGRAFIA AMADORA NA ARTE

*IN THE NAME OF MORALITY AND GOOD COSTUMES: ANTONIO DA SILVA ,AND THE
DIALOGUE OF DIVERSITY OF BODIES AND AMATEUR PORNOGRAPHY STRATEGIES IN ART*

Álvaro Leite Ferreira¹

RESUMO

Um dos tensionamentos vividos na contemporaneidade é a relação entre o erotismo e pornografia nas artes. Tendo como ponto de partida as reflexões oriundas das críticas a produção de arte erótica no Brasil, o presente trabalho busca a desestigmatização da sexualidade nas artes, visto que o sexo é parte importante da experiência humana, busco fazer dele uma experiência estética fora de pré julgamentos, visto que a produção de arte cujas imagens de corpos e a sexualidade são diversas, e interpretá-las é um procedimento um tanto complicado, o presente artigo explora o dois trabalhos do artista Antonio da Silva, os vídeos PIX (2014) e Brazil Jungle (2016). As questões pertinentes são conduzidas por leituras de teóricos como George Bataille e Castelo Branco acerca do erotismo, e Gerhard para pensarmos a pornografia na arte.

PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; Erotismo; Sexualidade; Arte contemporânea.

ABSTRACT

One of the tensions experienced in contemporary times is the relationship between eroticism and pornography in the arts. Taking as its starting point the reflections arising from the criticism of the production of erotic arte in Brazil, the present article, seeks the destigmatization of sexuality in the arts, since sex an important part of the human experience. Since the production of art whose body images and sexuality are diverse, and interpreting them is a somewhat complicated procedure this article explores the two works of artist Antonio da Silva, the videos PIX(2014) and Brazilian Jungle. (2016) the pertinent question are led by reading by theorists such as George Bataille and Castelo Brancoabout eroticism, and Gerhad to think of pornography in art.

KEYWORDS

Pornography; Eroticism; Sexuality; Contemporary art.

¹ Álvaro Leite é membro discente de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura - Centro de Artes da UFES (PPGA-UFES) na área de Teorias e Processos Artísticos. Graduado em artes Visuais pelas mesma Universidade. Contato: alvaroleitef@gmail.com.



Para se pensar e discutir a sexualidade nas artes é necessário pontuar e compreender as relações do corpo no campo artístico, onde já foi um tema privilegiado. De acordo com Jeudy (2002), muitas culturas têm o corpo como o próprio objeto de arte, pois é a partir da percepção dele que se vive, que se compreende o fazer e fruir da arte, em relação a sua experiência estética.

Considerando que os valores éticos e morais são determinados por grupos sociais, tais como a família, a religião, esses mesmos grupos atuam diretamente sobre ele, impondo e alterando essas relações. Atualmente o corpo é expressão de si mesmo e a percepção que temos dele, são apregoadas por representações visuais que sofrem intenso ritmo de transformações (JEUDY, 2002).

A produção de imagens do corpo e da sexualidade são diversas e interpretá-las é um procedimento um tanto complicado. A exposição do corpo em sua grande maioria é representado por imagens de mulheres nuas. As manifestações da sexualidade na contemporaneidade são ligada a certos paradoxos. A sexualidade expressa de forma implícita é tida como erótica, quando seu conteúdo é explícito ela tomada como pornográfica e censurada. Como foi o caso da exposição *Queer Museu*.

A arte moderna efetuou uma intensa fragmentação do corpo e na década de 60, o corpo aparece com muito mais força através dos happenings e performances. Geralmente o termo pornografia é associada a uma prática ou ideia de algo sujo, imoral, vulgar e grosseiro. E o termo carrega consigo muito julgamento de valor e juízo crítico, a respeito de obras de arte que explorem esses temas. Segundo Lúcia Castello Branco (2004), o conceito de pornografia é variável, de acordo com o contexto em que ele se insere. Parece ter sido manipulado, em toda a sua história, nos moldes da imprecisão e da ambigüidade, embora estivesse sempre buscando servir interesses precisos e nitidamente partidários (BRANCO, 2004, p.15). Embora uma recorrente conotação de que o erotismo é implícito, enquanto a pornografia explícito, vemos que não se pode delimitar facilmente o território de cada um.

A problemática para definir o pornográfico na arte tornou-se ainda mais complexo com o fenômeno da industrialização no século XIX, com o surgimento de uma indústria de massa, e de distribuição fácil, destinada a um público muito maior e menos selecionado. A



dicotomia entre os termos torna-se a seguinte: eróticas “são as obras de arte que abordam temas vinculados direta ou indiretamente à sexualidade”, e pornográficas, as obras inferiores, “obras sobre sexo, produzidas geralmente em série, e com objetivo prioritário de comercialização e consumo (BRANCO, 1987).

Tendo em consideração essa individualidade me remeteas pedagogias do desejo de Mariana Baltar, e suas novas formas de experimentar a experiência fílmica, em seu artigo intitulado Pedagogias do desejo no cinema Queer contemporâneo, ela fala dessa virada que o cinema queer teve dos anos 1990 para os anos 2010, marcada pela substituição de uma pedagogia sócio-cultural, por uma pedagogia do desejo.

O uso do termo pedagogia, diz a respeito a um ensinamento por partilhas e experiências através da forma fílmica (BALTAR, 2016). Segundo ela mesma, trata-se de uma pedagogia moralizando fundamental para a construção das consciências e subjetividades modernas e que se baseia no ensinamento do público, através da cultura midiática, e está mais explícita nos chamados gêneros do corpo, o horror e pornografia, e de filmes que tratam questões relacionadas à homossexualidade.

A pedagogia do desejo tem como maior objetivo engajar efetivamente o espectador no encontro entre os corpos, a partir da estimulação do prazer visual. Uma característica desse cinema queer contemporâneo é o diálogo com a pornografia, a aproximação da câmera com mais intensidade junto aos corpos, conduzem o olhar do espectador a passear por suas texturas, formas e gozos, isso estimula o corpo que se encontra em frente à tela.

No artigo Mariana cita o artigo “Cinema Sex’s Acts” (2014) de Linda Williams, que comenta que o diálogo com a pornografia não se dá pelos closes up em genitálias, ou atos sexuais, pois a própria pornografia amadora, já não trabalha com a fragmentação de cenas. Em um segundo momento ela cita que para a autora, esse juízo de valor é justificado por um imaginário norte-americano dominante sobre o sexo, que se divide em dois polos: um “sem arte”/ ignorante (artless), explicitamente pornográfico-todo o corpo e uma camuflagem mais artística, que evita qualquer exposição prolongada do sexo (WILLIAMS, 2014, p.16).



Um artista que dialoga com essas questões citadas por Balter e por Williams é o cineasta português Antonio da Silva, suas obras dialogam com as produções pornográficas amadoras da internet. Os vídeos de Antonio são voltados a temática do desejo homossexual.

A experimentação é o ponto central do meu trabalho e estou interessado em explorar diferentes gêneros artísticos, tanto em termos de técnica como de conteúdo. O meu trabalho é conduzido por experiências pessoais. Sempre fui fascinado com a sexualidade masculina. A minha frustração de como a imagem em movimento explorava isto foi aumentando e decidi torná-lo o assunto principal dos meus filmes nos últimos cinco anos. Não me considero um pornógrafo, mas sim um realizador que utiliza a experiência pessoal e acadêmica para coreografar curtas-metragens com temas de sexualidade explícita (SILVA, 2016, p. 236).

O trabalho de Antonio se assemelha muito com a pornografia amadora, que geralmente é produzida através de um dispositivo móvel que filma uma cena em plano sequência, e não é trabalhado a edição. No entanto as imagens de Antonio criam uma nova forma de se pensar pornografia, suas cenas ensaiadas, manipuladas por edição, como na pornografia comercial. O uso das técnicas das novas pedagogias do desejo do cinema *queer*, criam uma atmosfera do desejo e transmitem a sensação de prazer. O uso de enquadramentos, closes, planos abertos e fechados, plongée contra plongée, o uso da câmera corpo como falamos acima com as referências de Baltar e Williams.

A exposição da intimidade das pessoas ali parece ter a necessidade de alimentar o desejo. Para Silva, a exposição do corpo online para alimentar o seu lado narcisista e exibicionista, enquanto para outros é uma caça voyeurista infinita (SILVA, 2014).

PIX é um vídeo de 03:20s, com uma composição de imagens (selfies sem rosto, em frente a um espelho) de 2500 homens gays, e uma trilha sonora composta por batida eletrônica cibernética. As fotos de vários homens sobrepostas, parecem formar um único corpo. As imagens vão piscando e alternando-se, dando o movimento para o vídeo (como se fosse um gif animado). Esse movimento simula um corpo que vai se despindo e se acariciando, e se masturba até gozar.

Milhares de corpos masculinos em poses típicas a criar um mosaico de um só corpo. Um espelho, um torso exposto e a promessa de diversão sem compromissos são sinónimos actuais de engate. Mas será excepção



ou regra -ou necessário- na vida de um homem gay? Será que este comportamento ajuda na comunicação ou isola os homossexuais da “normalidade” que se tenta atingir ao longo destes anos? Será que a necessidade de nos conectarmos emocionalmente passou a ser tocar no botão “load more guys” (Carregar mais homens“?). Nenhuma animação de três minutos pode responder a isto. Só tu, na próxima vez que pousares em frente a um espelho (SILVA, 2014, p. 236).



Figura 1 - Antonio da Silva, PIX, vídeo, 3;20s

Antonio descreve Brazil Jungle como:

É um filme multi textural com a estética visual do documentário antropológico sobre natureza. Um paraíso perdido na Amazônia brasileira. O sexo, o desejo são instintos animais primitivos e universais. Este filme retrata um território livre de tabus, onde todos os tipos de tribos e uma tipologia diversificada de homens comunicam através da linguagem universal do cruising / pegacao / engate. É um retrato animalesco, mas também muito humano (SILVA, 2014, p. 236).

O filme começa com sons de passarinhos cantando, e um hipopótamo dentro de um lago. Em seguida aparecem dois homens nus andando em uma floresta, em certas regiões e culturas gays é comum homens se encontrarem em florestas ou parques para praticarem encontros sexuais. De repente aparecem outros homens, só que vestidos, uns casualmente outros mais formais, e alguns trajando apenas cuecas, os rostos não são revelados.

Em seguida aparece um homem em um primeiro plano, e outro em um segundo, ambos pegando em suas partes íntimas por cima do tecido, esse é um típico sinal tido pela comunidade gay, para informar que um se encontra interessado no outro quando em situações de "pegação". Então um vai ao encontro do outro e começam a se acariciarem.



Por volta dos dois minutos de vídeos vão surgindo outros homens, que apertam o pau duro por cima da calça, 2:30s começam aparecer imagens de pênis. A câmera filma bem de perto, de cima, outra hora do chão, e vai mostrando vários homens de diferentes tipos, cores e portes físicos se masturbando na floresta, fazendo mão amiga.

Acontece um corte seco na imagem e parece um homem fazendo sexo oral no outro, as seguintes cenas são feitas cortes que mudam os corpos presentes nas cenas, no entanto ainda nas cenas de sexo oral. A imagem da câmera nos remete ao amadorismo do pornô. Os ângulos e as estratégias de filmagens vão alterando e trazendo a sensação de quem assiste de frente para a tela é um voyeur, assim como os outros que estão presentes na cena. Planos sempre muito próximos aos corpos dos personagens, em detalhes e closes.

Por um momento o clima da cena é quebrado quando parece ter chegado alguém, uns se vestem rápido outros se abaixam. Esse acontecimento dá ainda mais força para achar que se trata de um encontro real entre homens, e não uma cena filmada para um videoarte. A câmera dá um close na bunda de um dos homens, a partir desse momento começam as cenas de penetração. Um grupo de cinco homens fazem um trezinho na cena, segue vários cortes secos que a cada mudança de plano aparece pessoas diferentes, como quem quer mostrar uma compilação de pessoas fazendo sexo.



Figura 2 - Antonio da Silva, Brazil Jungle, vídeo 10:15s



As imagens alteram entre cenas com imagem pixelada que parecem amadoras, e cenas mais nítidas onde a fotografia e a composição parecem ser estreitamente pensadas, para valorizar os copos dos modelos. A tensão sexual está presente nesse filme e afeta, o tempo todo, o espectador. O compilado de gozo vai alternando as cenas e ângulos, o filme segue sem diálogo, até que termina com um homem branco de cabelos longos se lavando em um córrego.

Oliveira Junior e Sousa (2017) definem que a performatividade pornográfica dos filmes de Antonio se faz a fim ou por meio de uma espécie de acomodação ou de disciplinamento das imagens pornográficas em função da autoralidade e assinatura específica de um realizador, em contraponto ao anonimato da pornografia na web; e também em função de um discurso de artisticidade que leva em consideração o belo, o limpo e o bom (OLIVEIRA & SOUSA, 2017).

A fim de tentar elucidar os próprios questionamentos acerca da representação do desejo e da sexualidade associados à representação do corpo masculino nu, a presente pesquisa buscou analisar as indagações sobre as fronteiras entre o erotismo e a pornografia na arte.

A pornografia, que no geral é caracterizada como a representação explícita, grotesca e suja da sexualidade e o erotismo, comumente abordado como a representação velada, transcendental, não pode ser apartados simplesmente, pois um não vive sem o outro, e ambos não estão livres dos paradigmas sociais. Então tentar definir se um é melhor que o outro não nos cabe, pois essas categorias artísticas/culturais variam muito de acordo com o contexto em que estão inseridos.

O percurso que investigo sobre as fronteiras do erotismo e da pornografia são tênues, e complexos, apenas esse trabalho não é suficiente para discutir a dicotomia entre a pornografia e o erotismo na arte, visto a complexidade dos sistemas de valor culturais de cada contexto.

Referências

AW de Oliveira, Junior, Sousa E.C. Performatividades das novas pornografias: análise dos filmes do cineasta Antonio da Silva. In: **Contemporânea, comunicação e cultura**, v.16 – n.02 – mai-ago 2018.



BALTAR, Marina. Pedagogias do desejo no cinema queer contemporâneo. In: **Revista educação e letras**, v. 18 n.38 p. 50-66 set./dez. 2016.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. **O que é Erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como Objeto de Arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

LOPES, Denilson. New Queer Cinema e um novo cinema queer no Brasil. In MURARI, Lucas; NAGIME, Mateus (orgs.) **New Queer Cinema** - Cinema, Sexualidade e Política 1a. Edição Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MORAES, Eliane & LAPEIZ, Sandra. **O que é pornografia**. São Paulo: Abril cultural Brasiliense, 1985.

SILVA, Tarcisio Torres. O sentido háptico e a politização da imagem contemporânea. **Discursos Fotográficos**, v. 13, p. 236, 2017.

SULIVAN, Charles, O Cinema Queer Brasileiro: O Pensamento Queer no Brasil a partir dos filmes Madame Satã e Elvis & Madona, **TEXTOS E DEBATES**, Boa Vista, n.29, p. 51-68, jan./jun. 2016.